



*Ela nunca teve limites, mas ele também
nunca curtiu seguir as regras.*

QUEBRANDO REGRAS

LJ

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE
STRATTON UNIVERSITY

LAUREN JACKSON

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 **essência**

QUEBRANDO *AB* REGRAS

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE
STRATTON UNIVERSITY

LAUREN JACKSON

Tradução
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lauren Jackson, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Break the Rules*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Luana Negraes e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração de capa: Luísa Fantinel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jackson, Lauren
Quebrando as regras / Lauren Jackson; tradução de Débora Isidoro.
— São Paulo: Planeta do Brasil, 2026.
288 p.

ISBN 978-85-422-3967-6
Título original: *Break the Rules*

1. Ficção australiana I. Título II. Isidoro, Débora

25-4988

CDD A823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção australiana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Book
Antiqua e impresso pela Lis Gráfica
para a Editora Planeta do Brasil em
dezembro de 2025.

Anya

SER CHAMADA AOS GRITOS POR UM BÊBADO INCOERENTE NÃO ERA como eu queria passar a noite de sexta-feira. Eu também não queria pegar minhas coisas e me mudar para um lugar uma hora ao norte porque meu namorado decidiu que minha melhor amiga era uma opção melhor que eu. Mas acho que todo mundo tem seus dias ruins. Ou semanas, no meu caso.

Meu coração dói quando penso que Dylan – agora meu ex-namorado – e Phoebe, minha ex-melhor amiga, mentiram para mim e me traíram. Expulso os dois da minha cabeça e tento pensar na situação diante de mim.

O homem grita comigo de novo, e gotículas de saliva que saem de sua boca batem no meu rosto. Rugas marcam sua testa e os cantos dos olhos. Ele agita as mãos, balança tanto que quase cai. Não entendo o que está tentando dizer, mas deduzo que estou no lugar errado. Recuo e suspiro enquanto me afasto da calçada, olhando para o endereço que salvei no bloco de notas do celular. O lugar deveria ser uma casa compartilhada onde aluguei um quarto. O aplicativo de mapa me trouxe até aqui.

A rua está silenciosa, o que faz os gritos do homem parecerem dez vezes mais altos. Tenho certeza de que estou no lugar errado, porque uma rua cheia de repúblicas estudantis jamais seria tão tranquila. Eu me viro, deixo o homem gritando atrás de mim e volto para o carro. As primeiras gotas de chuva encontram meu rosto. Levanto a cabeça e olho furiosa para o céu nublado.

Entro no carro e digito novamente o endereço no celular, e, dessa vez, ele mostra um lugar a cinco minutos de onde estou. Suspiro e saio da vaga tentando manter a calma, mas o pequeno fio de esperança a que me agarro esgarça a cada segundo.

O cansaço me castiga, e faço um esforço para manter os olhos abertos. Essa era a última coisa que eu queria fazer esta noite, mas precisava sair de lá. De perto deles.

Dirijo para uma rua estreita e movimentada, cheia de carros estacionados em lugares onde não deveriam estar. Desligo o motor e olho para dentro da janela da casa pequena e velha para onde estou me mudando. Luzes de neon iluminam as vidraças, e a música transborda para o gramado enquanto o atravesso. Tem um cara sentado na varanda, balançando as pernas penduradas entre as barras da grade. Ele sopra uma nuvem de fumaça.

— Oi — falo quando ele me encara por um longo e incômodo momento. — Você é o Johnny?

— Isso — ele responde desconfiado, com uma leve rouquidão na voz.

— Oi — repito. A chuva agora começa a cair mais forte, e eu subo a escada da varanda, tentando não molhar minha blusa mais do que já está molhada. — Meu nome é Anya.

— Quem? — Ele franze a testa.

— Anya Stark? Conversamos pelo Messenger. Aluguei o quarto três.

Ele levanta uma sobrancelha, aparentemente surpreso.

— Não vai rolar.

Meu coração pula dentro do peito.

— Como assim não vai rolar?

— Você tinha que pagar duas semanas adiantadas, mas não fez o depósito. O quarto foi alugado para outra pessoa. — Seu rosto recupera a expressão determinada de antes, e ele dá uma longa tragada no cigarro que segura entre os dedos.

Continuo olhando para ele.

— Do que você está falando? O dinheiro saiu da minha conta.

— Mas não entrou na minha.

— O quê? — Pego o celular do bolso. Acesso o aplicativo do banco e olho para os dígitos vermelhos que indicam o valor debitado. Viro a tela para ele. — Está vendo?

— Isso aí foi um saque. Não foi transferido para mim. — Olho de novo para a tela e percebo que ele tem razão. Meu coração quase para de bater. — E você não recebeu nenhuma mensagem de confirmação informando que a transferência foi feita.

Engolindo em seco, deixo os ombros caírem. Mais uma vez, fico furiosa comigo mesma por ter permitido que Dylan tivesse acesso à minha conta porque, como sempre, ele não tinha dinheiro. Ele deveria ter feito o depósito para mim na data do vencimento. Uma bola de fogo queima em meu peito quando percebo que ele me roubou.

— Bem — respondo com amargura enquanto volto à chuva —, que ótimo.

— É. Que droga — ele diz sem se alterar, joga o cigarro no chão na minha frente e volta para dentro da casa, batendo a porta.

Passo a língua pelos dentes e faço o possível para conter as lágrimas que inundam meus olhos. Volto ao carro e respiro fundo antes de me sentar na frente do volante. Telefono para o meu irmão. Minha perna esquerda balança enquanto ouço os toques.

Depois de um momento, recebo uma mensagem.

Zayden: O sinal tá ruim. Tá tudo bem?

Anya: Está em casa? Se não estiver, tem uma chave reserva?

Meu irmão revela onde fica a cópia da chave sem fazer perguntas. Mordo o lábio inferior, ainda lutando contra as lágrimas. Depois de dez minutos dirigindo, paro na frente da casa dele. Tem várias luzes acesas, e vejo uma caminhonete preta estacionada na entrada. Talvez ele tenha emprestado a vaga para algum vizinho. Afasto alguns vasos e bufo de irritação quando não encontro a chave onde meu irmão disse que estaria. Comprimindo os lábios, olho para a caminhonete preta, depois para as luzes acesas dentro da casa.

Suspiro, bato na porta e dou um passo para trás. Justamente quando uma lágrima traiçoeira escapa, alguém abre. O ar fica preso no meu peito quando dou de cara com Mason.

O melhor amigo do meu irmão.

O cara que sempre amei, até passar a odiar.

Ele envelheceu bem. Bem pra cacete. É alto, todo musculoso e está com os ombros mais largos do que na última vez que o vi. Os olhos parecem mais escuros, o queixo está mais definido e o cabelo, mais comprido. Tatuagens que antes estampavam parte de um braço agora cobrem cada centímetro de pele visível, com exceção

do rosto e de algumas áreas do pescoço. Está vestido todo de preto; isso não mudou. A camisa revela o tamanho dos bíceps e a definição do peito. Ele sempre foi muito atraente, e eu tinha esperança de que a idade não o tivesse favorecido. Droga. E, depois de todo esse tempo, ele me vê desmontada e chorando na varanda do meu irmão em uma sexta-feira à noite.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, e minha voz me trai ao se tornar um sussurro. Todos os sentimentos e certezas de que me convenci ao longo dos anos desfilam diante dos meus olhos, e percebo agora o quanto foram mentirosos. Porque esse homem ainda me afeta muito, e ele não disse uma palavra até agora. Na verdade, aposto que nem sente nada. Foi aí que os problemas começaram.

Aqueles olhos cor de uísque param em mim, e sinto cada milímetro aqui dentro se encolher. O coração parece ter se tornado uma bola de chumbo no peito e despencado para dentro do estômago, atropelando tudo que havia no caminho.

Ele levanta uma sobrancelha e estuda meu rosto, como se quisesse ter certeza de que sou eu mesma na sua frente, tremendo e dando sinais de estar à beira de um colapso mental.

— Eu moro aqui.

Arregalo os olhos e sinto o pânico se espalhar pelas minhas veias. As palavras ecoam altas em meus ouvidos, reverberam dentro da cabeça e se repetem em um loop infinito.

— Desde quando?

— Desde que a Leasa foi embora.

Eu não tinha considerado a possibilidade de meu irmão ter arranjado alguém para dividir as despesas depois que a garota que ele namorou por três anos se mudou. Deveria ter imaginado que Mason seria o substituto. Fazia sentido, mas a verdade é que tento não pensar no garoto que arrancou meu coração do peito e sapa-teou em cima dele.

Será que a noite poderia ficar pior?

— Ah — respondo, tentando engolir, apesar de sentir a boca e a garganta secas como papel. Meu corpo sempre teve uma reação extrema à proximidade com Mason, e eu morro de raiva disso. É como se ele tivesse um controle remoto e soubesse exatamente que botões apertar.

O canto de sua boca se move e os olhos me analisam sem nenhum disfarce, sem se importar com quanto são óbvios.

— Nada de “Oi, como você está? O que tem feito?”. — Ele sorri e se apoia no batente. Meu coração dispara ao registrar a familiaridade do movimento. Ele fazia exatamente a mesma coisa na porta do meu quarto.

Definitivamente, nesse momento não quero pensar em mim e nele no meu quarto.

— Não, esse não foi meu primeiro pensamento quando te vi — respondo, torcendo para minha voz soar mais forte do que me sinto.

— Qual foi, então?

— “Não quero ter que falar com esse babaca.” — Cruzo os braços, tentando demonstrar o oposto do que sinto.

Mason sorri para mim, mostrando os dentes. Linhas charmosas aparecem nas laterais da boca. As linhas que eu amava tanto. As mesmas que eu traçava com o dedo...

— Bom saber que você ainda tem esse crush gigante em mim.

As lembranças se desmancham, e volto à realidade com um solavanco. Meu rosto deve refletir os sentimentos reais, porque o sorriso dele desaparece por um momento. Faço um esforço para compor uma expressão neutra. Faço o melhor que posso.

— Vai sonhando — respondo, tentando disfarçar a mágoa.

— Uhummm — ele responde, olhando a pele nua do meu ombro exposta pela camisa que escorregou. Meu estômago dá um salto mortal. — Se você diz... O que veio fazer aqui?

— Tive uma noite horrorosa. Preciso de um lugar para dormir — resumo, passando uma das mãos no rosto. — Zayden não contou que você estaria aqui.

— Teria feito alguma diferença? — ele pergunta, e parece sinceramente curioso.

Não quero isso agora. Não estou preparada para enfrentar Mason, nem os sentimentos que tranquei à força em uma gaveta de arquivo e etiquetei com um alerta: não abrir. NUNCA.

— Pode me deixar entrar? — bufo, afastando o cabelo da frente do rosto.

Os olhos escuros, dois quartzos encobertos, se demoram por um momento em minhas bochechas coradas antes de ele recuar um passo e me deixar passar pela porta. Puxo minha bolsa para dentro,

e ele estende a mão para pegá-la, pendurando-a sobre um ombro. Seco o rosto e evito seu olhar enquanto olho para a sala, que deve ser o lugar mais limpo que já vi. Meu irmão não é das pessoas mais organizadas, e imagino que isso é obra do Mason. Deve ser irritante ter que cuidar da bagunça do desastroso do meu irmão. Furacão Zay, era assim que minha mãe costumava chamá-lo.

— Você não ia se mudar para uma república no centro da cidade? — ele pergunta, apontando para a escada.

Eles falam sobre mim? Interessante.

Suspirando, passo na frente dele e começo a subir, olhando tudo à minha volta. Muita coisa mudou desde que Leasa foi embora.

— O cuzão do meu ex deu um jeito de garantir que a faca que ele enfiou nas minhas costas não sairia com tanta facilidade.

Sinto o calor do olhar na minha pele enquanto percorremos o corredor acarpetado no segundo andar. paro quando vejo uma foto de Zayden, Mason e eu. Estamos na praia, e eu estou com os braços estendidos, mostrando uma fileira de estrelas-do-mar no meu antebraço. Zayden sorri para a câmera e aponta para elas. Chego mais perto e examino a cena com mais atenção, notando como Mason olha para mim. Nunca tinha notado esse detalhe. Seus lábios desenhavam um sorriso meio de lado, as bochechas estão coradas depois de uma corrida pela praia. Eu me lembro claramente daquele dia. Foi um dos últimos dias divertidos que tivemos antes de as coisas ficarem complicadas. Estou tão perto da moldura que a ponta do meu nariz roça o vidro.

Por que eu nunca tinha notado que ele olhava para mim desse jeito?

— Fiquei sabendo sobre o Dylan — diz Mason, passando por mim para abrir uma porta e revelar um quarto de hóspedes limpo e arrumado. Eu me assusto. Mergulhei tão fundo nas lembranças da foto que por um momento me esqueci de onde estava. Balanço a cabeça e o sigo para dentro do quarto. Parece diferente, maior do que eu me lembrava, com um edredom marrom de aparência macia que está gritando meu nome. — E a Phoebe — ele acrescenta depois de um momento.

Um sentimento nauseante me invade quando ouço o nome dos dois. As duas pessoas que eu mais amo na vida. Ou melhor, amava. Tive muito azar no departamento amoroso.

— Está acompanhando minha vida, Mason? — suspiro, jogando o cabelo para trás do ombro e sentindo que está bem molhado.

Ele deixa minha bolsa na cama, que range sob o peso. A bolsa está praticamente estourando nas costuras, e tem outras três como ela no porta-malas do carro, mas elas podem ficar lá, por enquanto.

— É claro que estou, Vermelha.

O calor esquenta meu rosto e desce pelo pescoço quando ouço o apelido familiar. Vermelha. Cada vez que Mason olhava para mim quando éramos crianças, minhas bochechas ficavam da cor de um tomate, brilhantes como um luminoso neon que anunciava minha paixão por ele. Como adorava se divertir com meu sofrimento e meu desconforto, ele começou a me chamar de “Vermelha” para me atormentar.

Não o vejo desde que tudo desmoronou, há dois anos. Nunca mais ouvi esse apelido. Por mais que fosse uma brincadeira, com o passar do tempo virou um... flerte. E foi aí que o problema começou.

E agora estamos nos encarando, e o ar entre nós parece estalar. Meu rosto esquenta ainda mais, e dou um passo para trás para me afastar dele, embora já haja uns dois metros de distância entre nossos corpos. Nenhuma distância é suficiente quando é ele do outro lado. Sua presença é como um toque físico, e o domínio que ele exerce sobre mim é mais forte que minha vontade.

— E você... voltou — comento, só para dizer alguma coisa, e torço desesperadamente para ele não ouvir meu coração batendo alto no peito.

O sorriso de Mason é sexy, como sempre.

— É óbvio.

— Como foi no México? — Eu o sigo de volta ao corredor, evitando olhar para a camisa justa que revela os músculos das costas.

Mason sorri arrogante por cima do ombro.

— Parece que você também acompanha minha vida.

Se ele soubesse que tive que bloquear seus stories para não ver nada! Não suportava ver seu rosto e chorar por isso, como chorei tantas vezes. Nunca o bloqueei completamente. Isso teria despertado a curiosidade dos amigos e da família, provocado perguntas que eu não tinha intenção de responder.

— A única pessoa sobre a qual Zayden gosta de falar mais do que dele mesmo é você — explico.

— Uhum.

Meus olhos passeiam pelos músculos deliciosos daqueles braços até a bunda, que foi gravada na minha memória há anos. E continua tão boa quanto sempre foi.

— Não é muito comum você estar em casa em uma sexta à noite, né? — pergunto, me sentando em uma das banquetas da cozinha.

— Tá me stalkeando?

— Baixa a bola.

Mason se move sem esforço pela cozinha. Põe água para ferver, pega duas canecas de um armário e se apoia na bancada.

— Você não está... — começo, e um sorriso se espalha lentamente pelo meu rosto. Como Mason ficava em nossa casa todos os fins de semana durante o ensino médio, ele sempre cozinhava ou fazia alguma coisa de útil para colaborar. Acho que era uma forma de agradecer à minha família por recebê-lo sempre. Ele sabia cozinhar e sempre acrescentava toques singulares a uma refeição simples, o que as tornava dez vezes mais saborosas. E o chocolate quente que ele fazia era de matar.

— Fazendo o Especial do Mason para você? É claro que sim.

— Desde quando você é legal comigo? — pergunto, desconfiada.

Seus olhos brilham um pouco mais sob as luzes da cozinha, que projetam uma luminosidade dourada sobre sua pele e intensificam a sombra da barba começando a crescer em seu rosto.

— Desde que você acabou de passar por um momento terrível — ele responde com mais honestidade do que eu esperava. Os olhos descansam nos meus por um instante longo demais. — Mas é só hoje. A partir de amanhã, acabou a moleza.

Forço uma risadinha, puxando as mangas da blusa sobre as mãos antes de apoiar o rosto nelas. Odeio sentir a pele tão quente apesar da temperatura baixa.

Ver o rosto dele é suficiente para me deixar infeliz. Eu esperava sentir mais raiva que antes, mas só me sinto arrasada. Odeio o que ele fez comigo, e odeio ainda mais não conseguir superar todos os sentimentos que tive por ele durante toda a minha vida. Não quero sentir nada por ele, mas é impossível.

— Eu não esperava menos que isso.

O silêncio se prolonga entre nós. Só existem os ruídos dos utensílios de metal na bancada e dos passos dele se movendo pela cozinha. Faço de tudo para não o seguir com o olhar.

— Aliás, foi incrível.
— Hum? — murmuro, saindo da nuvem de pensamentos.
— O México.
— Ah — respondo, e meus olhos descem pelos braços bronzeados e enfeitados pelas tatuagens. — Que bom. Quanto tempo faz que você voltou?

— Quase um mês.
— Bem na hora para pegar o quarto vago, hein? — comento com um sorriso de boca fechada.

— Eu sempre tive um timing excelente.

Eita. Ai.

— Eu sei que Zayden e Leasa estavam se desentendendo fazia um tempo, mas ainda tenho a sensação de que o rompimento foi rápido demais — opino, pensativa, tentando impedir a memória de trazer de volta tudo que aconteceu entre nós. Ele se vira e deixa uma caneca em cima do balcão. — Parece que ela simplesmente pegou as coisas... e foi embora.

— Foi isso mesmo que aconteceu, até onde eu sei.

— Você deve estar contente, já que o seu parceiro voltou à ativa — brinco, segurando a caneca com as duas mãos e absorvendo o calor, apesar de me sentir fria e vazia por dentro.

— Zay se apaixona loucamente por toda garota que ele conhece. Ele não é um parceiro muito bom. — Mason sorri relaxado. — Mas eu gosto de ver meu amigo mais feliz.

Não sei por que disse isso. A última coisa em que quero pensar ou discutir é a parceria de Zayden e Mason. Pensar em Mason com alguém me dá vontade de vomitar.

— Ele está? — pergunto, e me inclino para a frente. — Feliz?

Mason pensa sobre minha pergunta.

— Honestamente? Não sei. Acho que esse rompimento foi bom para ele em vários aspectos. No fim, eles eram tóxicos um para o outro. Mas não, não tenho certeza de que ele está feliz; só mais feliz do que estava.

— Eles sempre foram tóxicos — concordo com um sorriso seco. Meu irmão e a namorada tinham um relacionamento que não fazia sentido para mim. Poderoso e apaixonado, mas um turbilhão de altos extremos e os mais baixos dos baixos. — O jeito como eles gritavam um com o outro me fazia ter pesadelos. — Levo a caneca aos

lábios e bebo um golinho. Uma explosão de calor e sabor se espalha pela minha língua, e eu gemo, sentindo falta do que costumava ser uma tradição familiar.

Fico surpresa ao ver os olhos de Mason descendo pelo meu corpo enquanto ele me observa. A tensão de dois anos atrás ainda é forte como sempre. Quero poder olhar para ele e não pensar em tudo que fomos um dia, mas é difícil.

— Senti falta disso — sussurro, respirando dentro da caneca.

Honestamente, não sei se me refiro ao chocolate quente ou a ele. Aos dois, na verdade. Mason era uma parte importante da minha vida, e de repente não era mais. O buraco que ele deixou continua aberto, por mais que eu tenha tentado de tudo para fechá-lo.

— Eu também, Vermelha. — Ele olha para mim com um sorriso triste. — Eu também.

Depois ele se vira e sai da cozinha.

Mason

VER ANYA PARADA NA FRENTE DA PORTA DE CASA FOI COMO DAR DE cara com um fantasma do passado. Um fantasma que se transformou na mulher dos meus sonhos. Não consigo tirar a imagem da cabeça. A blusa branca colada ao corpo como uma segunda pele, praticamente transparente da chuva. Quando meus olhos ficaram cravados naquela bunda nos treze degraus até o segundo andar, tive que entoar um mantra mentalmente: *ela é a irmãzinha do Zay, ela é a irmãzinha do Zay, ela é a irmãzinha do Zay*.

Mas, droga, Vermelha não é mais uma menina. Ela cresceu e já faz tempo. Sei disso melhor que ninguém.

Olho para o meu reflexo, tentando imaginar como deve ter sido para ela me ver depois de todo esse tempo. Depois do que aconteceu. Minhas mãos tremem quando seguro a beirada da pia e sinto dificuldade até para respirar. Depois de parar um minuto para estabilizar a pulsação acelerada, volto à cozinha batucando com os dedos nas pernas.

Meu estômago se contrai quando a vejo, e sou invadido pelo sentimento de culpa. Pensar no que fiz me causa náusea. Meu coração dispara no peito quando passo por ela e pego os frascos de molho que Zayden não guardou. Nossos braços se tocam por um breve instante. Recolho o braço e me afasto dela, voltando à segurança do armário.

Anya e eu sempre tivemos um relacionamento intenso. Eu adorava provocá-la, ela facilitava. E ela me amava. Eu também a amava, mas fui covarde demais para me comprometer com ela. Para ser a pessoa de quem ela precisava. Anya é dois anos mais nova que eu. Uma diferença de idade que agora não significa nada, mas parecia uma questão muito maior quando éramos adolescentes.

O arrependimento é inegável. Nunca fui muito de me apaixonar. Zayden e Anya eram meu mundo, e todas as outras pessoas eram só um ruído de fundo. Depois de todo o drama, nunca consegui ficar no mesmo lugar por tempo suficiente para me envolver com alguém. Mas talvez seja este o ponto: a única pessoa que eu quis é a única pessoa que não posso ter. Ninguém mais se compara a ela na minha cabeça, então nunca me dei o trabalho de tentar mais nada depois dela. No passado, toda vez que eu ficava com alguém, essa pessoa sabia, ou desconfiava, pelo menos, dos meus sentimentos por Anya. E isso sempre foi um problema.

Ela está sentada na minha frente, olhando pela janela com aqueles olhos cor de esmeralda lindos. O cabelo escuro e comprido cai sobre os ombros em ondas. Anya sempre foi uma garota alegre, animada, mas não é mais. Seus olhos ganharam a sombra de uma dor que conheço bem: a dor da mágoa. Essa merda machuca, e dura mais do que deveria.

Dylan Peterson. Ele é a definição de canalha. Nunca gostei dele. E passei a gostar menos ainda quando ele começou a dar em cima de Anya. Zayden tem uma política severa que proíbe os amigos de se envolverem com sua irmã mais nova, uma lei que muitos caras da escola aprenderam do jeito mais duro. Como Dylan é dois anos mais novo que nós e não faz parte do nosso grupo, conseguiu ser promovido da posição de “amigo” para a de “namorado”, para descontentamento de todos. Minha insatisfação foi maior que a de todo mundo. Também não estávamos presentes nos últimos anos de Anya no ensino médio para protegê-la, e foi assim que ele conseguiu se aproximar com facilidade.

Ninguém era bom o bastante para Anya. Ninguém jamais seria.

Ver as lágrimas dela hoje fez a raiva despertar dentro de mim e ameaçar explodir a qualquer momento. No passado eu não precisaria de desculpa para enfiar a mão na cara do Dylan. Tinha sérios problemas de autocontrole em relação a esse tipo de coisa, mas me esforcei muito para romper esse ciclo.

Não sou meu pai.

Honestamente, eu adoraria nunca mais ver ou ouvir falar de Dylan, mas infelizmente, como ele joga em um time rival, sempre o encontramos ou o enfrentamos em alguma partida. Ele é tão sujo como jogador quanto como pessoa. Se eu quiser bater nele onde

dói, tenho que acabar com ele dentro do campo, onde realmente importa.

Bliss Bay, a pequena cidade litorânea onde todos nós crescemos, tem um time de rúgbi competitivo: o South West Stingrays. A equipe é conhecida pela agressividade e por não fazer a coisa certa com frequência. Eu não queria jogar nesse time. Quando voltei do México, entrei na Stratton University, onde Zayden já estava. A razão para Zayden ter se mudado para um lugar uma hora ao norte, mais perto da cidade, foi a intenção de jogar no time da universidade: o North East Sharks. Não é fácil conseguir uma vaga lá, e me senti honrado quando passei na peneira. Está sendo incrível treinar com eles, é uma grande equipe e eu tenho o maior respeito pelo nosso treinador. Ele tem um histórico brilhante, e é fácil entender por quê, considerando o jeito como ele administra e treina o nosso time. É um treinador que exige muito trabalho, mas colhe bons resultados.

— Não vai me contar o que aconteceu hoje? — pergunto, apoiando o quadril na bancada. Torço a ponta da pulseira de borracha, porque preciso de alguma coisa com que ocupar as mãos, agora que já guardei tudo. Quando sinto a ponta se desfazer, solto a pulseira rapidamente e pego minha caneca. Anya está olhando para a pulseira. Engulo em seco, desvio o olhar e tento não pensar no dia em que ganhei isso dela.

Vejo as lágrimas inundando seus olhos de novo e seguro a caneca com mais força.

— Talvez amanhã — ela responde em voz baixa. — Estou supercansada.

Aponto um dedo para ela.

— Vou cobrar.

Anya vira o restinho de sua caneca e eu me aproximo para pegá-la. Nossos dedos se tocam, e eu me assusto com o quanto os dela estão gelados. Olho para a pia, incapaz de encará-la enquanto lavo as canecas e as guardo exatamente no lugar de onde as tirei. Estudo as canecas por um momento, verificando se estão voltadas para a frente antes de fechar a porta do armário.

Anya balança a cabeça olhando para mim, e um sorriso distende seus lábios.

— Isso está piorando com a idade.

— Você nem imagina — respondo em tom de brincadeira.

Ela desvia o olhar e vejo suas bochechas vermelhas, e o rubor familiar me faz sorrir. Anya se levanta, estica os braços acima da cabeça, e o gesto levanta sua blusa, me mostrando a barriga bronzeada. Engulo em seco quando meus olhos passeiam por aquela pele.

Dessa vez, quando subimos a escada, faço questão de ir na frente. Não preciso de mais uma desculpa para olhar para o corpo dela. Quando Anya entra no quarto de hóspedes, pego uma toalha e penduro no cabide do banheiro. Nós nos encontramos na porta do quarto dela, e eu me apoio no batente. Passo a mão no queixo. Tenho trabalhado nos meus hábitos de enfrentamento quando fico ansioso, mas parece que tudo desandou agora que estou aqui com ela.

— Tem uma toalha limpa para você no banheiro — aviso, enquanto a vejo vagar pelo quarto como uma ovelha desgarrada. Meu coração implora para confortá-la, mas aconteceu muita coisa e se passou muito tempo.

— Obrigada.

— Vermelha? — eu chamo, e me aproximo para tocar seu queixo com um dedo, forçando seus olhos tristes e redondos a encontrarem os meus. — A gente não vai deixar isso passar em branco.